



Floreal

ANNO I



Num. 4

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE
CRITICA E LITERATURA

DIRECTOR

Lima Barreto

REDACÇÃO

RUA GENERAL CAMARA, 103

BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1907

Avulso: \$500

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.	3\$000	—	Semestre.....	6\$000
Anno.....				12\$000.
Avulso.....				\$500



Rio, 31 de Dezembro, 1907



Summario :

<i>Anima rerum</i>	J. Pereira Barreto.
<i>Natal</i>	D. Ribeiro Filho
<i>O sophisma de Zenon</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Recordações do escrivão Isaias Caminha (Continuação)</i> ..	Lima Barreto.

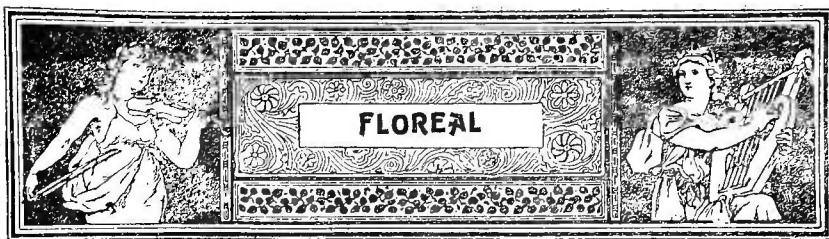
Revista da Quinzena :

<i>Prelextos</i>	Chaves Barbosa
<i>Theatros</i>	Gilberto de Moraes
<i>Jornaes e Revistas</i>	Juliano Palhares
<i>Literatura e arredores</i>	Lima Barreto
<i>Echos</i>	



AVISO

Com todo o acatamento, ousamos levar uma pequena reclamação ao Sr. Administrador dos Correios do Districto Federal. Frequentemente, os exemplares desta revista não são entregues aos respectivos destinatarios. Até o dia de hoje, estavamos na convicção que o Correio servia para isso ; de hoje em diante, porém, a nossa opinião é outra.



ANIMA RERUM

(FRAGMENTO)

Doiravam-se de sol a terra, o mar e o espaço.
Deslumbradas de luz e exaustas de cansaço
As aves na floresta acolhiam se aos ninhos.

Nem uma sombra havia á margem dos caminhos.
A voz das virações e os murmurios da agua,
Gemendo na amplidão como um suspiro ingente,
Pareciam falar solemne e tristemente
De uma secreta magoa.

Eu trazia commigo a duvida sombria
Que tira o aroma á flor, o sonho á phantasia,
E, sentindo afundar cada vez mais o abysmo
Desta incerteza que ha-de ir ter commigo á morte,
Vergado á minha dôr, fatigado de heroismo
Maldisse minha sorte!

Como as ondas azues das correntes do oceano
Rebentam no alto mar, batidas pelos ventos,
Àos impulsos fataes de um poder sobréhumano
Quebrava-se o escarcéo de meus vãos pensamentos ;
E então, á luz do sol, em plena mocidade,
Vendo enluctar minha alma a nevoa da agonia,
Senti crescer no peito uma tristeza fria
Como a que envolve á noite o ermo da immensidade.

As fauces do mysterio entreabriam-se adiante
Com as attrações do céo, do céo limpo e distante.

Assentei-me scismando á beira da corrente,
E, ao ver como era bella e grande a natureza,
Senti banhar-me o sêr a ineffavel tristeza
Que em face do universo apenas o homem sente.
Mas, subito, do sol á fulva claridade,
Como através do sonho e da melancholia,
Ouvi distinctamente uma estranha harmonia
Echoar na soledade...

O SOL

Meu destino é brilhar.. Quando surjo no espaço
Azul se torna o céo, azul se torna o mar:
A terra é de meu corpo enorme um estilhaço
Gelado de uma extrema á outra extrema polar.
No fogo, na agua, no ar, nas pedras dos caminhos,
Nos perfumes da flor, na luz do humano olhar,
Nas forças collossaes e nos sêres mesquinhos,
Em tudo existe sempre um raio a scintillâr..
Quando eu surjo no espaço até nas frias lousas
Palpita e resplandece a alma occulta das cousas.

A PEDRA

Destino singular!.. Hontem de viva chamma,
E hoje de inerte luz nas serras e no mar!
Desmaiou no meu seio o espirito de Brahma,
E em vão meus flancos nús exponho á luz solar..
Congelado clarão no seio do infinito,
De que me serve ter duração millenar?
De que me serve ter os musculos de granito,
Se eu não posso soffrer, se eu não posso gozar?
— Immovei, como um deus eterno e indifferente,
Amortalhado jaz em meu seio o Inconsciente.

O CARDO

Adormecido ao luar. (Quem sabe se eu dormia?)
De chofre despertei numa fragoa do mar...
Acairelava o oriente a purpura do dia,
E as ondas em redor quebravam de vagar.
Nutrindo-me de luz, e de orvalho, e de poeira,
Germinára em silencio e como que a sonhar,
Mas vendo-me chumbado áquella erma pedreira
Tive confusamente um desejo de andar..
E nesta aspiração indistincta e latente,
— Lethargico, em meu seio adormece o Inconsciente.

A LESMA

Nasci para rojar, mas guardo sobre a terra
Vagas recordações de já ter visto o mar;
E, quando galgo a custo o cimo de uma serra,
Vendo o céu mais além, sinto ancias de voar...
Nesta angustia mortal de uma sorte sem nome,
Ora rojando ao sol e ora rojando ao luar,
Ineffavel tormento os dias me consome,
E, sonhando com o céu.. meu destino é rojar!
Comtudo no meu ser opaco e repelente
Desperta como instincto e como alma o Inconsciente.

A NOITE

Viuva que não tem lar, viuva que não tem filhos,
Minha tristeza envolve a terra, os céos e o mar,
Com as gottas de meu pranto entreabrem se os junquillos,
E as arvores sem flor fecundam-se a chorar,
Mas o Sol, meu irmão, evita-me a presença,
E eu scismo em balde entregue a meu atroz pezar,
Sobre tudo estendendo a minha sombra immensa,
Communicando a tudo um somno tutelar...
Arrastam-se no céu meus cabellos sem nastros,
E em minha fronte fulge o diadema dos astros!

UMA VOZ

O' poeta, o Sol deslumbra e ha tormentas no mar. .
Vem, misero, dormir! A noite faz sonhar.

OUTRA VOZ

O' poeta, ergue-te e vem ouvir a melopéa
Da Fórma universal ao reflectir na Idéa.

O POETA (dirigindo-se ao Sol)

No principio era o Chaos.— Sem leis nem harmonia,
Como um deus insensato, a Natureza agia.
O Espaço e o Tempo, irmãos no cyclopico alento,
Engendravam na treva o Ether e o Movimento.
Depois. . . Foram depois aos poucos despontando,
Nas entranhas do abysmo em luminoso bando
As caudadaes de materia, os nucleos estelláres,
-- Alvas condensações, incandescentes mares,
De onde, com brancos soes, gazozos e embryonarios
Surgiram na amplidão turbilhões planetarios.
De um desses turbilhões foi formado o diadema
Em que sómente resta uma esplendida gemma,
Que és tu, brilhante Sol!

Os differentes mundos,
— Estilhas collossaes de teus flancos fecundos;
Scintillavam no céo como enormes diamantes
Appensos ao collar das estellas radiantes;
Mas ninguem poude ver o estranho panorama
De uma constellação feita de astros em chamma

Fadados a attingir a mesma excelsa gloria,
Todos os astros têm uma identica historia.

— A Terra era talvez o menor de teus astros,
E ao tempo em que o fulgor intenso de seus rastros,
Enrubecendo no ar, lentamente morria,
Tombava ella tambem nas vascas da agonia.

Mis um filho do Sol não morre de repente :
 Millenios perdurou essa agonia ingente
 De um mundo que a morrer, em contorsões, lançava
 Do roto coração catadupas de lava ;
 Millenios perdurou essa agonia bruta,
 E enquanto ella durou, numa assombrosa lucta,
 — Lucta descommunal travada entre elementos
 Firmaram se da Terra os petreos fundamentos.

Quem póde imaginar o que seria a Terra
 Na phase millenar dessa estupenda guerra ?
 — Esta lasca de sol, este vivo estilhaço
 De estrella a contorcer-se em convulsões no espaço,
 Era um monstro de chamma, um colosso de brazas,
 Agitando no abysmo as coruscantes azas ;
 Era um jorro de luz e rutilas scentelhas
 Irrompendo a ferver das entranhas vermelhas
 De um mundo em combustão . . .

Aquella massa ardente

Era a alma dos vulcões, esplendida, fremente
 A percorrer o céu de uma extrema á outra extrema
 Sob o imperio fatal de eterna lei suprema !

Com aquellas explosões, com aquelles cataclysmos,
 Que lhe abriam no corpo as chagas dos abysmos
 Por onde em borbotões, com plutonica furia
 De candentes metaes jorrava a onda purpurea,
 Sob seus flancos nús, convulsionados, quentes,
 Soltavam-se do céu as limpidas torrentes ;
 Chaotico pulmão soprava irado vento
 Desfazendo os bulcões do espesso firmamento,
 E na lucta empenhada entre esses tres collossos,
 Deixando em derredor fumegantes destroços,
 Como sangrento heroe, no lance deradeiro
 O fogo foi vencido e tombou prisioneiro !
 — Nessa lucta sem par a victoria foi da Agua :
 A chamma se fez braza, a braza fez-se fragoa ;

E, contendo os clarões sob as petreas entranhas,
Congelou pouco a pouco a rocha das montanhas !

*
* *

Pendêra no alto o sol. Agitados, os ramos
Acordaram na selva os somnolentos gamos,
E as aves, desertando a placidez dos ninhos,
Foram cantar em bando á margem dos caminhos.
A voz das virações e os murmúrios da agua,
Gemendo na amplidão como um suspiro ingente,
Pareciam falar solemne e tristemente
De uma secreta magoa !

E o poeta disse então, contemplando uma fragoa
Pela face da qual corria um fio de agua :

—Antes que houvesse mar, antes que houvesse terra
Foi chamma, foi clarão a rocha desta serra.
A força que transforma em pedra de montanha
A luz da nebulosa é a mesma força estranha
Que te obriga a chorar, ó bruta penedia,
Essa lagrima eterna, essa lagrima fria.
Mas o pranto da rocha, o pranto do granito
Corre sem que jámais a Pedra solte um grito,
Sem que por sua face estúpida e serena
Passem clarões de amor ou contracções de pena !
Emergindo do oceano ou sobre os serros, Ella
Vence as furias do mar, as furias da procella,

Que arrebetam rugindo e se aplacam gemendo
Debalde no broquel de seu dorso estúpido !
Ribomba e o raio em fogo embate-lhe na pelle
Em vão, que ella sem dor, sem esforço o repelle !
O tempo, que devasta e aos poucos destróe tudo,
Passa e repassa em vão sobre seu petreo escudo !
—Astros surgem no céo, brilham no céo, a afagam
Por millenios, depois lentamente se apagam,

E Ella que os viu nascer, morrer no céo, persiste
Sempre na mesma eterna indiferença triste !
— O' cadaver da luz, o pranto que desliza
Por tua face que é que a final symbolisa ?

Coado a custo através da entranha dos escolhos,
De onde teu pranto vem ? De que invisiveis olhos
Ha millenios mareja essa lagrima fria.
Que inunda tua face, ó bruta penedia ?
Acaso ao congelar-se, ao transformar-se a chamma
Deixou preso em teu seio um espirito que ama,
Que padece, que ri, que tem consciencia, que age ?
Como a de alguém que dorme, e sob a fria lage
De um sepulchro sem ar, de uma tumba deserta,
Desesperado e só de repente desperta,
Com certeza agonisa essa alma encarcerada
Onde a luz não penetra, onde não se ouve nada ;
E é por isso talvez, ó bruta penedia,
Que em tua face corre essa lagrima fria !

Na meia escuridão, no silencio das furnas
Abertas em teu flanco ha tristezas nocturnas
Que gemem, pela voz lamentosa dos ventos,
Tua secreta dôr, teus occultos tormentos ;
Ha columnas de luz formadas lentamente
Pela congelação de teu pranto fulgente,
Nas quaes vão reflectir e á socapa brilhar
Os lividos clarões de um mysterioso olhar ;
E estranhos vegetaes, e cactaceas informes
Que apegam no granito os tentaculos enormes,
Parecendo na sombra, á meia luz, parados,
Gigantescos reptis em plantas transformados ;
Ha as folhas carmezins de um arbusculo exangue
A fazer-nos pensar que a Pedra tenha sangue !

Por essas solidões, ou seja noite ou dia,
Paira o genio do sonho e da melancholia ;

E o poeta, ao penetrar esses ermos retiros,
 Senté ancias de chorar e de soltar suspiros,
 Diffundindo na voz merencorea dos ventos
 Sua secreta dôr, seus occultos tormentos..
 E' que ha na alma do poeta, onde a tristeza medra,
 Uma porção da luz congelada na Pedra,
 E, como numa lyra encantada e plangente,
 Acha uma voz nessa alma harmoniosa o Inconsciente !

J. Pereira Barrêto



NATAL

Um menino me contou esta historia do natal:

« Quando eu era menorsinho, eu e minha irmã moravamos com a vovó e o papae viuvo em Copacabana. Era pobre a nossa casita escondida ao sopé do morro que, quasi a pique, desce sobre o mar.

Ao lado de nós numa casa immensa morava um grande homem que possuia muito ouro e muitos cavallos, como um rei, e de quem se dizia que era senador. Surgia pertinho de nós a sua casa onde ás noites brilhavam luzes de todas as cores e soavam musicas de todos os tons.

« Uma noite de fim de anno, eu e a menina fomos attrahidos pelas luminarias do palacio onde havia festa. Dizia-se que era o natal; e nós, curiosos e medrosos, mal dormiu a avósinha, fugimos e corremos á grade do jardim a espiar a festa. Aquillo foi para nós um deslumbramento; havia fogos, joias, doces, musicas, perfumes. Vinte crianças, como nós, riam, dansavam, cantavam numa enorme alegria, numa felicidade que nós dois, miseravêis, não podiamos comprehender

« Ficamos bem quietinhos a ver e a ouvir esse festim real e como um encantamento, adormecemos ali mesmo com as cabeças de encontro á grade do jardim.

« Nós sonhamos.

Um homem nos tomava ao côlo e nos dizia ;

« Meus filhos : hoje é a noite de Natal. O Natal, meus meninos, é um pretexto para meia duzia de canalhas banquetear-se com o producto dos latrocínios feitos no anno. E escolhem este dia porque foi num dia correspondente ha quasi dois mil annos que nasceu num curral de vaccas um sujeito ao mesmo tempo imbecil e feroz que encheu o mundo de espantos, de terrores, de loucuras, de odios e de mortes. Entretanto como esse idiota furioso tem servido aos interesses dos homens mais fórtes, mais cynicos e mais audazes, as datas de sua vida são os melhores pretextos para as exhibições hypocritas do mundo

O Natal, por exemplo. Para que os pobres e os vencidos não protestem e não se revoltem contra as leis e os costumes que os mantêm na eterna miseria... esses bandidos, esses salteadores festejam o Natal do famoso paranoia e lembram com perfida piedade que elle nasceu entre as palhas de uma vaccaria, que era pobre e que viera ao mundo dar exemplos á humanidade... ah ! meus filhos ! esses canalhas são incomparavelmente hediondos ! Vocês, pobresinhos, dormindo ao relento, ralados de fome e de inveja, emquanto nesse palacio, cem crianças, como vocês, folgam e riem no esplendor de uma ceia fidalga ! Eis ahi o natal ! eis ahi a obra do immortal idiota que ha servido de pretexto para todas as mortes, todos os saques, todas as torpezas de uma humanidade allucinada !

Não, meus filhos ! para nós para todos quanto hão soffrido na vida, o Natal ainda não raiou.

Mas ha de vir: ha de nascer, não um ho-

mem, mas uma geração, uma animalidade nova para o dominio da Terra, para a gloria tranquilla da vida, para o amor, para a justiça, para a liberdade. E' da vossa miseria, da humildade dos pobresinhos que surgirá a revolução social e moral da humanidade, em tempo remoto quando a razão humana, tão longamente perturbada pelo illusionismo do raciocinio dos philosophos, começará a trabalhar em linha recta e ao nivel da Terra, para a apprehensão da verdade natural e a comprehensão das fatalidades da vida,

« O Natal será então nessa época.

« Hoje, a estúpida passividade dos homens soffre que uma pequena parte explore a outra em em nome de um judeu indecente, de um gallileu analphabeto e delirante. amanhã isso não será mais possivel: a comedia durou muito e todos vós, miseraveis, estais impacientes.

« Despertem, meus filhos; amanhã o dia ha de ser lindo: o Sol virá á vossa cabana, fará rir a caducidade da vovó, dourará os musculos do papae, e sobre as vossas cabecinhas irradiará com aureolas de graça e juvenilidade.

O Natal, meus filhos, é a aurora; é o ar puro da manhã, são as rozas e os fructos; o Natal é a luz igual em toda a Terra para o homem livre. .»

E nós acordamos quando o homem nos largou do cólo, o Sol nascia e a voz cheia e triste do papae gritava da cabana:

— Oh! meninos! meninos! o café está frio!

Domingos Ribeiro Filho



O Sophisma de Zenon

No meu artigo publicado no numero anterior da *Floreal*, a respeito do livro do Dr. Gustave Le Bon —*L'Évolution de la Matière*— eu me referi ao sophisma de Zenon sobre a impossibilidade do movimento. Eu disse que o facto de não se poder conceber a destruição da materia não era sufficientemente forte para apoiar-se sobre elle a certeza na verdade do principio de Lavoisier. Disse que não seria a primeira vez que o homem se encontrasse diante de duas affirmações diametralmente oppostas e ambas irrecusaveis diante dos elementos cerebraes; e que bastava mesmo, para o caso, o exemplo do sophisma famoso de Zenon.

E' esse sophisma que eu desejo examinar n'este artigo. Elle póde ser apresentado do seguinte modo:

«Um corpo, um movel qualquer, não póde ir de um pontô A a outro ponto B. Sendo a o comprimento da trajectoria qualquer que elle descreveria para ir do primeiro ao segundo, o movel teria que percorrer, primeiro, a metade de a , depois a metade do comprimento restante, isto é, a quarta parte de a . depois a oitava parte de a ; e assim por diante. O movel teria que percorrer, portanto, um numero de espaços, um numero de trechos de trajectoria, igual ao numero dos valores que toma a fracção $\frac{a}{b}$ quando b cresce de 2 até o infinito, dobrando sempre. Essa fracção variando, por esse modo, não póde attingir nunca o valor zéro e o numero d'esses comprimentos é, portanto, infinito. Suppondo numerados todos esses trechos segundo a série dos numeros inteiros, o movel, se

fosse de A até B, teria tocado em todos os numeros da série dos numeros inteiros. Elle a teria esgotado. Ora, a serie dos numeros inteiros é inesgotavel e, portanto, o movel não a poderia esgotar. O movel não poderia, portanto, ir de um ponto A a outro ponto qualquer B. E como o raciocinio se applica qualquer que seja a , segue-se que um corpo qualquer não se pôde mover do menor deslocamento dado. O movimento é, portanto, impossivel.»

Esse raciocinio não demonstra a impossibilidade do movimento, não havendo nada n'elle — pelo menos eu não o vejo — que obrigue a accetral-o de preferencia aos dados de observação directa. Mas desde logo elle assume uma importancia extraordinaria, porque nos colloca diante da seguinte duvida :

« O nosso cerebro não será constituido de tal modo, pelo menos actualmente, que seguindo dous caminhos, por processos logicos onde não encontremos vicios de raciocinio, elle nos conduza a conclusões, ás vezes, totalmente oppostas ? »

Essa duvida, que aliás não é a unica a formular áhi, o raciocinio de Zenon é bastante forte para pôl-a de pé, quando mais não seja para ser derrubada, mas em qualquer caso obrigando a um exame. E' isso que eu vou procurar fazer.

— Nós dizemos que a série de numeros inteiros e em geral que uma série qualquer de um numero infinito de termos é inesgotavel. Mas em que sentido será ella inesgotavel? E' um ponto que é indispensavel precisar. Se o raciocinio de Zenon possui alguma falha, eu não vejo que ella possa estar em outro lugar. Tudo o mais é rigoroso. A serie dos comprimentos a percorrer é realmente infinita, e se de modo algum uma serie de numero infinito de comprimentos, que são successivamente percorridos, pôde ser

esgotada, isto é, se de modo algum se pôde dizer de uma série d'essas, em uma dada época, que ella *foi percorrida* por essa maneira, a conclusão da impossibilidade do deslocamento A B é inevitavel. Eu devo procurar, portanto, saber em que sentido se pôde affirmar que uma serie de numero infinito de termos é inesgotavel.

No momento actual, a questão pôde ser simplificada. Sabendo eu que os termos todos da série devem ser percorridos, dispostos em uma certa ordem, posso —e o faço expressamente— pôr de lado, n'este instante, todas as maneiras porque se poderia imaginar percorrida uma serie infinita, para pensar exclusivamente n'essa que foi enunciada.

Se o movel imaginado gastasse o mesmo tempo no percurso de cada um dos trechos em que foi decomposta a trajectoria A B, por menor que fosse esse tempo, sendo elle maior do que zéro, seguramente que seria preciso um tempo total infinito para que se pudesse effectuar o percurso total. Desde que fosse necessario um tempo infinito para ir de A até B, com effeito, o movel nunca chegaria a B. E o mesmo se daria em toda uma serie infinita de casos, todos assimilaveis a esse, em que os tempos gastos nos percursos parcellares fossem todos maiores do que um dado valor finito t , differente de zéro, e ainda em toda uma outra serie incorporavel a essa.

Em todos esses casos, a somma dos tempos daria um tempo total infinito, e vê-se muito claramente que o movel nunca chegaria, então, a B. Ora, essa somma ou é finita, ou é infinita. Quando infinita, viu-se o que dahi decorria ; resta vêr, portanto, apenas, o que acontece quando é finita essa somma de tempos.

Ella pôde, de facto, ser finita, comquanto

seja infinito o numero das parcellas e nenhuma parcella seja nulla. E' sabido que, por exemplo,

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{4} + \frac{1}{8} + \frac{1}{16} +$$

é rigorosamente igual a 1.

Não seria, portanto, do tempo, a esse respeito, que proviria a impossibilidade do movimento aqui, isto é, a impossibilidade do movimento não decorreria aqui do facto de ser infinito o numero de parcellas de tempo a gastar pelo movel para ir de A até B.

Dada a maneira pela qual foi dividida a trajectoria A B em um numero infinito de trechos, o movimento que dividiria os tempos correspondentes a esses trechos, segundo a série citada, seria o movimento uniforme. Podiam ser imaginadas muitas outras especies de movimentos, todos elles fornecendo para a somma dos tempos parcellares um valor finito. Mas como, para o caso, tanto faz que se trate d'este ou d'aquelle movimento, desde que se tenha a serie infinita de tempos parcellares maiores do que zero e que a somma desses tempos seja finita, eu, para fixar as ideias suporei que é uniforme o movimento com que é percorrida, na questão a estudar, a trajectoria A B. Poder-se-ha vêr, a cada passo, a perfeita generalidade do raciocinio dentro dos limites necessarios.

Não será, assim, na hypothese que examino, porque o seu percurso exija um tempo infinito que a serie em questão não poderá ser percorrida, que ella será *inesgotavel*. Não será mais por isso como na primeira hypothese. Mas não haverá um outro elemento que se opponha aqui á esgotabilidade da serie?

Toda a duvida decorre aqui do facto de ser

infinito o numero de termos a percorrer. E' infinito o numero, de trechos de trajectoria e é infinito o numero de espaços de tempo correspondentes. Assim como, pelo facto de ser infinito o numero de trechos da trajectoria, sem que nem um delles seja nullo, não decorre d'ahi que seja infinito o comprimento d'essa trajectoria, pelo facto de ser infinito correspondentemente o numero dos espaços de tempo, não decorre dahi que seja infinito o tempo total formado pela somma dos tempos parcellares:

Não é sommando, portanto, quer os espaços, quer os tempos, que se encontra impossibilidade no esgotamento da serie, n'esta segunda hypothese. Mas não haverá impossibilidade a um outro respeito qualquer?

Neste instante, pensando n'isso, e procurando representar mentalmente o facto, procurando compôr uma concepção d'elle, e imaginar esse percurso termo a termo, de uma serie infinita, eu tenho a sensação de qualquer coisa que não parece ser o tempo total, e que me faz repugnar o esgotamento da serie. *Imaginando o percurso começado eu não vejo como, uma vez mettido na serie, o movel poderá SAHIR d'ella.* Eu vejo que o movel *desde que termina um trecho começa o trecho seguinte e só sahe de um termo para entrar em outro termo.* Ora, ou ha um trecho final, um trecho de que se possa dizer — este é o ultimo— ou não ha. A primeira hypothese importa n'uma contradicção, e portanto, n'uma impossibilidade. Resta a segunda.

N'esta, como não existe então um ultimo termo, não se póde pensar em o movel sahir da serie percorrendo um ultimo termo, nem dois ultimos termos, nem um numero qualquer finito de ultimos termos, porque tudo isso importaria na necessidade de imaginar finita a serie. N'esta hypothese o movel, só podendo sahir da série per-

correndo-a, não se podendo imaginar que elle sáia pelo percurso de um numero qualquer finito de termos, fica-se reduzido á necessidade de, para conceber o facto, imaginar o percurso de um numero infinito de termos. E' a volta ao ponto da partida—para imaginar o percurso do numero infinito de termos, seria necessario imaginar o percurso de um numero ainda infinito de termos. Aliás, isso era de esperar e seria mesmo extranho que se chegasse a outra conclusão. A concepção da terminação, do esgotamento da serie, deve ser a concepção do que se passa quando termina o tempo correspondente ao percurso total. Ora, então, ou se considera um espaço qualquer maior do que zéro, ou se considera um tempo nullo. Se se considera um tempo nullo, não se póde imaginar n'elle nenhuma mudança, nenhuma modificação, nenhum percurso. Se se considera um espaço de tempo qualquer maior do que zéro, por menor que seja esse espaço de tempo, ha sempre uma serie infinita a percorrer e o seu percurso a representar mentalmente.

Assim, procurando determinar a esgotabilidade ou inesgotabilidade da serie infinita, eu cheguei ao seguinte :

1º A série é inesgotavel quando a somma dos tempos parcellares é infinita.

2º Quando é finita a somma dos tempos parcellares; não se póde representar mentalmente o esgotamento da serie, o que não quer dizer que ella seja inesgotavel ahi.

Procurando em varios sentidos ir além d'essa segunda conclusão e demonstrar para esse caso ou a esgotabilidade ou a inesgotabilidade, me pareceu que era provavelmente illegitima a sensação indicada acima, onde eu disse:

«Imaginando o percurso começado eu não vejo como, uma vez mettido na serie, o movel poderá SAHIR d'ella. Eu vejo que o movel desde que termina um

trecho começa o trecho seguinte e só sahe de um termo para entrar em outro termo»

Pareceu-me provavel que se tratasse de uma generalisação mal feita. Relativamente a grandezas infinitas isso já tem acontecido muitas vezes e de um modo que demonstra como n'essas occasiões é geral a maneira de sentir erronea. Foi apresentada por Bertrand (de Genève) uma demonstração, uma supposta demonstração do postulado de Euclides, muito curiosa. Essa demonstração anda por ali aceita ainda por muitos. O seu erro consiste na applicação a grandezas infinitas de theorema seguramente verdadeiro para grandezas finitas.

Aqui, no caso da serie infinita, ha capciosidades semelhantes. Eu proponho, como exemplo, o seguinte raciocinio :

« Imaginando que o percurso AB se effectue em um tempo qualquer finito, vê-se que, qualquer que seja a occasião escolhida antes da terminação d'esse tempo, ha ainda uma serie infinita de trechos a serem percorridos. Qualquer que seja esse momento, por mais proximo que elle esteja da terminação do tempo total de percurso, terá sido percorrido até elle, então, sempre, apenas um numero *finito* de trechos : haverá ainda a percorrer um numero infinito de trechos. Não ha assim, antes do proprio momento da terminação do tempototal nem um momento e nem um intervallo de tempo de que não se possa dizer que a serie percorrida n'elle ou até então é finita.

Imaginando o percurso observado com o auxilio de um relógio perfeito, que indicasse sempre, rigorosamente, o tempo exacto, vê-se que, devendo o percurso total fazer-se no tempo t , do tempo zéro ao tempo t , da hora zéro á hora t , em todas as horas, em todos os momentos, em todos os tempos que não fossem o tempo t teria sido percorrida apenas uma serie finita, restaria o percurso de uma serie

infinita. A serie infinita não é percorrida, portanto, antes da hora t e é percorrida na hora t . A serie infinita é percorrida, portanto, n'um tempo nullo — no tempo zéro. E' a velocidade infinita; o movel tem de estar ao mesmo tempo, em todos os pontos de uma serie infinita, que elle percorre no tempo zéro, e fóra della.»

Eu penso que no momento actual não é muito facil perceber o vicio d'esse raciocinio. Elle me parece consistir n'um abuso de generalisação.

Quando eu observo que, dos elementos de uma serie como a examinada mas finita, seja qual fôr o elemento tomado isoladamente elle goza de uma determinada propriedade com a indicada, posso dizer que *todos* esses elementos ou o conjuncto d'elles goza d'essa propriedade. Por mais extranho que á primeira vista isso seja, essa affirmação não se póde applicar nas series infinitas todas. Veja-se, por exemplo, o seguinte raciocinio :

«SEJA QUAL FOR o termo que eu considere, em uma serie infinita como a do problema a examinar, esse termo se acha a uma distancia finita do primeiro termo da serie. Se cada um d'esses termos está a distancia finita TODOS os termos da serie estão a uma distancia finita de primeiro termo. A serie é, portanto, finita.»

O vicio aqui existente é exactamente semelhante ao vicio existente no raciocinio proposto acima.

O caso proposto por Zenon não é o unico d'esse genero. Ha d'elles um numero infinito. Entre elles eu cito dois interessantes. O primeiro é o que se dá quando uma recta, obliqua em relação a outra collocada no mesmo plano que ella, gira em torno de um determinado ponto, até se tornar parallelá a essa segunda recta. O segundo é relativo a um movimento que se póde definir de modo tal que um movel percorra, em linha recta, por exemplo, um

comprimento infinito em um tempo dado — dois minutos, por exemplo.

Em todos esses casos o exame feito para o sophisma de Zenon se applica inteiramente. Em todos elles parece-me tratar-se de extensões erroneas de sensações e de noções. Parece-me haver ahi muita coisa semelhante ao que se deu relativamente ás dizimas periódicas simples com o caso da fracção.

$$0.999$$

A noção de numero inteiro repugnava e parece que ainda repugna a igualdade

$$0.999 = 1$$

O antigo processo de deducção foi affastado e substituido por um outro que vem exposto na arithmetica de Tannery com o intuito de evitar essa igualdade que muitos imaginam explicar dizendo que 1 é o limite de $0.999\dots$, como se a noção de limite tivesse essa elasticidade. E tudo isso porque quando se definiu o numero como o resultado da comparação da grandeza com a unidade pensou-se desde logo n'um determinado *modo* de comparar dentro do qual não se appellaria para as subdivisões da unidade senão quando a grandeza fosse menor que a unidade ou quando, applicada uma, duas ou mais vezes sobre a grandeza a unidade toda, sobrasse ainda uma porção d'aquella que estivesse n'essas condições.

Assim como aqui é preciso reformar essas noções tornando a olhar para os elementos fundamentais diante dos quaes não repugna absolutamente a igualdade

$$0.999 = 1,$$

n'esse caso que tratamos do sophisma de Zenon e nos casos semelhantes ha um trabalho correspondente a fazer.

M. Ribeiro de Almeida.

Recordações do escrivão Isaias Caminhã

—:—

III

(*Continuação*)

« Os antigos bebiam perolas dissolvidas em vinagre. Não eram lá de gosto muito fino, e a extravagancia nada significava. Eu bebo a verde esmeralda sadia, que é a propria natureza, num copo de Xerez, em vez da perola morbida e pallida no acre vinagre.»

Pela manhã, no dia seguinte, lembrei-me perfeitamente dessa phrase que o Raul Gusmão, um jornalista da amizade do Lage da Silva, pronunciou de vagar na meza do botequim do theatro. Disse-a com a sua voz fanhosa, incarateristica, sem accento de sexo e a aflorar nos labios depois de um transito doloroso pelo tubo vocal —voz que me irritou, sobremodo, a ponto de me tirar toda a disposição para a palestra. Fiquei a ouvil-o respeitoso, tanto mais que nos tratou, a mim e ao padeiro, com tal desdem, com tanta superioridade, que fiquei entibiado diante do retrato do grande literato, universal e aclamado, especie de Balzac ou Dickens, que delle fiz interiormente. Falava e não nos olhava quasi; errava o olhar e quando o fazia era para fixar-nos com expressão de escarneo, intermittenmente preparada no perpassé demorado pelo ambito do jardim.

Veio ter á nossa meza por instancias do Lage da Silva. Ia passando um pouco afastado de nós, quando o meu companheiro correu-lhe ao encalço e trouxe-o para a meza, com os maiores rogos. Apresentou-nos e perguntou depois;

— Que toma, doutor?

— Nada,

— Oh! Alguma cousa: um licor... um cognac... um vinho?

— Vinho! Hoje não ha mais vinhos... O senhor, accrescentou, voltando-se para mim com o seu ar fingidamente insolente; o senhor, porventura, dá-me noticias dos vinhos de Smyrna e de Chios?

Sem esperar a resposta, desviou o rosto, tirou uma preguiçosa fumaça do charuto e pôz-se a olhar pausadamente o theatro, fixando esta ou aquella physionomia, alçando a vista até á varanda; por fim, cheio de insolencia e com aquella voz de parto difficil, chamou o criado e encommendou: meio calice de *peppermint* e uma dóse de Xerez. Simulando não perceber o nosso espanto, fez algumas considerações sobre os vinhos antigos, confrontando-os com os modernos, no sabor, na côr e no preparo.

Vieram-lhe ás garrafas e elle, pegando a colherinha com dous dedos e estendendo os outros de sua mão polpuda, abacial, como qualificou mais tarde, misturou ritualmente o verde *peppermint* no Xerez e foi por ahi que disse: «Os antigos...»

Diante d'elle, dos seus gestos, das suas palavras, a impressão das mulheres e da agitação do theatro, apagou-se-me completamente. Elle resumiu-me o theatro e fiquei com esse encontro tão indelevelmente gravado, que ainda agora, ao traçar estas linhas, estou a vel-o erguer-se com visivel esforço da cadeira, ficar um instante parado junto a nós, com o seu corpanzil encostado á bengala vergada, e dizer cheio de profundo aborrecimento — *como isto é feio!* — para então afastar-se definitivamente, mas vagarosamente...

Mal saio, pedi mais detalhadas informações ao Lage da Silva a respeito de tão interessante personagem. Nos confins da minha cidade natal, eu não podia advinhar que o Rio contivesse exemplar tão curioso de homem, exuberante de gestos ineditos e phrases imprevistas.

Lage da Silva, porém, não m'as poudé dar. Um outro seu amigo veio até nós e sem nenhuma cerimonia sentou-se. Era o Oliveira—não me conhece? O Oliveira do *Globo*, tão conhecido.., Oh!

O padeiro offereceu-lhe alguma cousa e perguntou amavelmente:

— Que ha de novo para amanhã, Oliveira?

— Uma inundação, no Norte.

— Onde?

— No forte S. Joaquim, no Purús.

— Perdão! fiz eu collegialmente. O forte S. Joaquim não fica no Purús....

O Oliveira olhou-me com alguma raiva e eu tive que comprimir a alegria collegial do *quináo*.

— Onde fica então? perguntou o Oliveira.

— No Rio Branco, na fronteira da Guyana Inglesa.

— Esta nossa geographia anda tão baralhada.... O senhor com certeza não conhece o rio das Capivaras?

— Não senhor.

— Pois é um rio importante e nenhuma geographia dá! Eu o conheço, porque nasci bem perto d'elle, senão... Neste Brazil, ha ainda muito que fazer...

De manhã, puz-me a recapitular todos esses episodios, e por todos elles, passava a figura inflada do Raul Gusmão. Vi o Oliveira associado ao seu constrangido desgosto, á sua insolencia e ás suas phrases de effeito, e senti que só elle tinha podido desviar-me por instantes da observação meticulosa a que vinha submettendo o padeiro de Itaporanga.

E comquanto ella tivesse sido attenta e contínua, não pude ao certo decifrar o enigma que representava. Achava extraordinario que um varegista de um villarejo longiquo cultivasse e mantivesse amizades tão fóra de seu circulo; não se lhe explicava aquelle norteio para os jornalistas,

No theatro e na rua, complimentou a mais de uma dezena e apontou-me, sem lhes falar, a uma duzia delles. E' de tal jornal, dizia; é de tal revista.... Toda a vida jornalistica, elle conhecia minuciosamente. Informou-me sobre os nomes dos redactores, sobre os pseudonymos, sobre a tiragem e a venda, não só de cada jornal diario, como de cada hebdomadario de caricaturas..., Havia nisso uma pueril mania ou.... Não se manifestava politico, literato, homem de leituras; não lhe senti a mais elementar preocupação intellectual; todo elle me pareceu convergindo para negócios, cousas de dinheiro, especulações. Por isso, a sua jovialidade e sociabilidade não impediram que, aqui e ali, repontassem em mim algumas suspeitas sobre a sua honestidade.

Houve um factó que tornou um pouco mais consistente as fluidicas suspeitas que eu tinha delle.

Acabando de ceiar, ao pagar a conta, o pa-deiro de Itaporanga examinou com um cuidado especial de entendido, o papel, a estampa e e numero das notas do troco. Notando que eu reparava com insistencia o seu exame pericial, com a mais tranquilla das vozes e cheio de ingenuidade, pediu-me:

— Faça favor, doutor: veja de que estampa é esta.... Não posso ler bem....

E passou-me uma cedula velha e encardida, em que li em tom que elle pudesse ouvir-me:

— Estampa 9^a

— Bem! E' preciso muito cuidado, meu caro doutor. A Casa da Moeda tem muitas succursaes não reconhecidas....

Com seu gesto habitual, estendeu a perna, arrumou a nota no massó e guardou-o no fundo da algibeira.

Dahi em diante, não sei se com justeza, mas

certamente com muita segurança íntima, tive por affectadas a sua simplicidade e bonhomia, e julguei que escondiam algo de grave que se desenrolava na sua vida e ainda não tivera termo.

Pelo almoço, a uma minha pergunta, o cozeiro avisou-me que o padeiro tinha ido aos suburbios e não voltaria senão á tarde. Almocei vagarosamente e tranquillo. Tinham dado onze horas quando sahi do hotel e vim vindo a pé até ás ruas centraes. Era cedo; não fui logo á Camara. Fiquei vagueiando pela rua á espera da hora conveniente. Cansado de andar pelo centro, aventurei-me de bonde para cima do Campo de Sant'Anna. Aproximando-se a hora, tomei um outro que me informaram levava ao largo do Paço. Não reparei que ao meu lado se sentara um homem acobreado, de cabello liso e barba rala e crespa, ar decidido e thorax forte; mas notara que, bancos adiante, um senhor alto, de cartola e calças brancas, abancara-se á direita de uma senhora, jovem ainda, cuja passagem pagou, sem que com ella trocasse sequer um olhar. Observei-os durante a viagem intrigado; ao meio della, porém, o visinho disse-me baixo:

— Está vendo que pouca vergonha?! Um senador a *bolinar*!!

Não entendi. Bolinar... Senador.... O que era? O homem entretanto insistiu:

— Todo o dia é aquillo... Uma vergonha! Se fosse outro, mas um senador!

Por esse tempo, o par saltou, isto é, o senhor um pouco antes, com o vehiculo em movimento, e a senhora metros adiante, e ambos, ao geito de desconhecidos, sem olhar um para o outro, tomaram uma rua transversal. O meu visinho não me deixou de olhar durante toda a viagem, e quando saltei, mal tinha pizado o passeio, elle me interpellou assim:

— Olhe, menino, disse-me elle; deixe-se disso, senão...

— Mas o que?

— Então não sabe! Ora, não se faça de besta, continuou, atirando o chapéo para o alto da cabeça.

— Mas..., fiz a tremer.

— E' isso que lhe digo: não se metta na vida do *seu* Carvalho,... E' um graúdo e não tem que dar satisfação a ninguém—fique sabendo!

— Eu!

— Sim, V.!

Olhou-me durante instantes, cheio de desafio e me perguutou com atrevimento:

— V não é *reporter* do «Azeite», um jornalco que anda por ahi?

— Eu, não senhor.

E com a humildade que dictava a minha segurança, expliquei-lhe que havia chegado do interior, que não conhecia tal senador, que ia entregar uma carta (mostrei-a) a um Deputado na Camara, etc., etc. Contei-lhe por alto a minha vida, as minhas difficuldades e os meus desejos. O *vagabundo* enterneceu-se, desculpou-se, disse-me seu nome e me offereceu sua casa.

Dirigi-me para a Camara. A minha simplicidade tinha julgado facil falar a um Deputado. O porteiro mostrou-me que não. Era prohibido, só se trouxesse ingresso; comtudo, ensinou-me a residencia do Dr. Castro e fui assistir a sessão, para encher o tempo.

(*Continúa*).

Lima Barreto.



Revista da Quinzena

Na sua secção de critica litteraria no *Jornal do Commercio* o Sr. José Verissimo referiu-se á *Floreal* com sympathia e com bondade. Foi uma surpresa para a nossa revista ver-se assim percebida tão do alto. Não é que ella se julgasse ou se julgue desprovida de valor — absolutamente não é por isso; mas a distancia era tão grande que ella não esperava ser distinguida com a precisão necessaria. Essa distancia, porém, o Sr. José Verissimo não fez duvida em transpol-a para nos dizer essa palavra de sympathia que profundamente agradecemos e que, dados o feitio e a intelligencia de quem a disse, tem para nós um valor extraordinario.

*
* *

PRETEXTOS

« Illmo. Sr. Dr. tenente-coronel Lauro Sodré. — Dirijo-me a v. ex., á mingua de encontrar nòs livros e tratados, á mingua de encontrar em mim e por mim mesmo, um salutar accordo entre actos e doutrinas e aphorismas pregados como justos e verdadeiros por V. Ex.

Eu sei que só Deus e os burros são mudam, mas V. Exa. que não é uma cousa nem outra, faz timbre de coherencia, de ter uma só linha de conducta, portanto de não — mudança.

A minha admiração por V. Ex. veiu desde que me disseram ser V. Ex. discipulo amado de Benjamin Constant, Embora eu não goste do exacto Benjamin, um mediocre mathematico que fugia dos concursos, gosto das lendas e das continuações.

V. Ex. sabe que não estou avançando uma in-

famia. O senador Lauro é tenente-coronel do Corpo de Engenheiros e sabe que a « Theoria das quantidades negativas » é uma delgada memoria, de objecto elementar, tratado sem originalidade propria, notavel, com certeza, para um estudante, mas que mesmo no Brasil de trinta annos atraz, quando se tinha conhecido um Gomes de Souza, não podia dar reputação de geometra a ninguem.

V Ex. sabe demais que Benjamin nada mais deixou e que, certa vez, não entrou em concurso na Escola Polytechnica, porque ia inscrever-se o Dr. Antiocho dos Santos Faure, que ninguem mais conhece. Li o veneravel Teixeira Mendes, Biographia de Benjamin e outras Obras, além de interpretar de outro modo os documentos de segundo volume daquella, surprehendeu-me nessa leitura, da Biographia ou dos folhetos, a insinuação de que o *Mestre* Benjamin não sabia o Positivismo. Entretanto, eu tinha até então o director dos Cegos como um *esoterico* nas cousas da cabalistica *Synthèse* e um interpretador seguro da gnomica « *Politique Positive* ».

Isso tudo, porém, não vem ao caso; trata-se de dizer que admiro V Ex. por manter viva a lenda do coronel positivista, aclamado general e ao mesmo tempo grão-mestre da Ordem de Aviz, dignidade um tanto theologica como é do saber de V. Ex.; além disso, admiro tambem V. Ex. porque continúa a lenda complexa de um modo maravilhoso, hoje, no nosso tempo, á luz deste claro e forte sol, apesar da nossa psychologia experimental, dos raios X que atravessam certos corpos opacos, da dactyloscopia, da microscopia, da *bertillonage*, do papel *tournesol* e outros meios de investigação variados e infalliveis.

E' por admirar V Ex. que venho submeter uma duvida, pedindo da vossa calma de paraense que não vem, como a fleugma britannica de uma forte capacidade de inibição, mas de uma ane-

mia chronica e indispensavel á vida nas paragens amazonicas ; pedindo, dizia, que V. Ex. não a receba de máo humor, antes a deslinde com clareza e verdade.

E' da minha memoria que V. Ex., por occasião do projecto de vaccinação obrigatoria, bateu-se eloquentemente, com a conhecida eloquencia de V. Ex. (cada um dá o que tem), contra o violento projecto. Lembro-me outrosim que V. Ex. apoiou toda a sua feroz argumentação na liberdade individual, não querendo, conforme foi V. Ex. provocado pelo Dr. Manoel Duarte, levar a questão para o terreno scientifico ou medico.

E' de minha lembrança tambem que V. Ex., sancionado o projecto, recordou-se da sua espada, ainda mais virgem que a do mestre Benjamin, e saiu a campo, á frente da briosa mocidade militar, para defender os direitos do povo conspurcados pelo Legislativo e Executivo.

Não quero agora lembrar todas as phases do caso, de que fui testemunha e parte ; não quero relatar os heroismos do tenente-coronel Lauro, da sua, legendaria attitude de descalvagar da montada para não parecer fuga precipitada a retirada, indo a pé, não sei se vagarosamente, para uma residencia hospitaleira, demonstrando singular habilidade para transpor gradís de jardins burguezes a deshoras.

Não é isso que eu quero submetter a V. Ex. ; o meu intuito é mostrar que V. Ex. foi no momento um dos sustentaculos da liberdade individual, e como é (ahi a minha duvida) que V. Ex. não continuou a ser agora no caso do projecto de serviço militar obrigatorio, dando até parecer favoravel ?

Admira-me, eu estou disposto sempre a admirar, que V. Ex. não se tenha justificado cabalmente dessa modificação nas suas opiniões, tanto mais que

o espirito de V Ex. dispõe de recursos valiosos para taes. *accommodements*.

Perdoe-me V Ex. o uso deste gallicismo inutil; mas eu quero lembrar Molière, sem imitar V Ex. que, quando cita, põe uma scena ou canto inteiro, as paginas, as edições e os preços respectivos, tudo isso de que? De que? Do «Théâtre Classique» do Regnier, que usamos nos preparatorios, ou do Victor Hugo conhecidissimo!

Eu sei que V Ex. não é literato, por isso não faz caso dessas cousas; e para que esta, que vae apparecer numa revista literaria, mereça alguma consideração de V. Ex., direi a V. Ex. que fui alumno da Escola Militar, tomei parte nos acontecimentos de Novembro e antes votei em V Ex. tres vezes numa só secção eleitoral, com diplomas falsos, que fui buscar no escriptorio do «Brazil Medico» — com o que V. Ex. se viu guindado ao Senado Federal, como justâ expressão da vontade popular.

De V. Ex., etc. etc.

Chaves Barbosa.

*
* *

THEATROS

Réjane representou na sua ultima temporada em Lisboa, *Suzeraine*, comedia em 4 actos, dum escriptor argentino. A critica acolheu-a bem e o publico applaudiu-a.

Esta noticia, lida num jornal carioca, produziu no meu espirito submisso ao dogma da alta cultura esthetica brasileira, perturbador abalo. Porque quem escreve estas linhas era, desde que agarrou, abriu e leu um primeiro jornal, um crente profundo da superioridade artistica do Brasil na America. Os criticos não se fartavam então, como se não fartam ainda, de escrever que o meio artis-

tico era o mais refinado e o mais culto, como a platéa carioca era e é a mais exigente e a mais intellectual.

Puxar o carro de Sarah Bernhardt foi uma emoção fina. As manifestações a E. Duse passaram por um attestado de intelligencia. Verdade que desde a grande actriz italiana até a companhia do Lucinda, em todas as salas de espectaculos, as representações eram em familia, para duas duzias de cidadãos, numa intimidade tocante. Apesar de tudo isto ou talvez por causa de tudo isto, o meio continuava a ser culto e exigente, os autores magnificos, sem rivaes no continente.

Eis senão quando, surge a nova de que a acclamada artista, que é a Réjane, representara uma peça argentina. O dogma foi abalado. Mas, para comprovar que, se os autores indigenas não eram ainda divulgados no estrangeiro — ambição de todos—o meio superexigente e civilizado gozava no reduzido palco nacional um theatro subtil e moderno, a comedia intensa, o drama magnifico, corro a ultima pagina das folhas. Uma duzia de *cinematographos*, o circo *Spinelli*, *Medico das Loucas*, *Moulin Rouge*.

Bom, disse o meu espirito crente, isto é só hoje; vae aos jornaes passados. Na mesma ultima pagina, os mesmos *cinematographos*, o mesmissimo *Spinelli*, o *Medico das Loucas* e o *Moulin*.

Ha evidentemente uma discordancia entre os annuncios theatraes e o refinadissimo publico brasileiro. Porque, se o potencial da intelligencia e do gosto é expresso pela collecção dos dramas do Recreio e pelo circo Spinelli, esse bom gosto e essa intelligencia são extraordinarios.

Ou achará a critica que o publico é fino, porque deixa vacias as companhias estrangeiras e abandona as nacionaes? Como a entidade dirigente de tudo, desde as sensações estheticas á marcha

do systema solar e do universo, não explicou ainda o que entende por cultura theatral no Brazil, esta pergunta parece insolúvel.

Houve no entanto um momento em que os jornaes e o publico com elles, rejubilaram. Foi na época do *Dote* e da *Ultima Noite*. Então os escriptores theatraes borbulhavam.

Mesmo o Sr. Dias Braga ia, todas as quintas-feiras, dar *premières* com peças nacionaes. As comedias em 1 acto, as peças de folego e these estavam, segundo a vóz poderosa e verídica da imprensa, sendo ensaiadas. Era um florescimento. Nessa época feliz, nas ruas, os meus olhos patrioticos seguiam com alegria e ternura o perfil esguio do poeta Fagundes que vinha de ler a sua peça, ou do dramaturgo X, que acabara talvez de assistir ao ensaio geral do seu drama.

Subito o empresario do Recreio annuncia os mesmos dramas do periodo imperial. Que fim levariam os originaes annunciados dos Fagundes e Fernandos? O publico fugiria do theatro? Outras questões insolúveis. Apenas como compensação o resurgimento triumphal das cousas velhas, dos dramalhões enormes, e a *débaçle* de duas ou tres companhias nacionaes.

E o meio continúa a ser culto, a platéa exigente, a critica profunda. Os actores correm para o circo Spinelli, os cinematographos augmentam, as vasantes nas companhias estrangeiras se succedem e se parecem. Como explicar essa contradicção da cultura e do desprezo das cousas cultas? E' preciso que isso seja explicado.

Ainda mais. Ha por esta cidade alguns jornalistas de genio, como todos os nossos jornalistas, para os quaes do theatro moderno só se salva Ibsen. Tudo mais: o actual theatro francez e o velho, o inglez, o allemão, quando não são banalidades, são carpintarias e velharias, segundo a ex-

pressiva linguagem dos grandes homens. Qualquer um pensará que esses dignos cidadãos escreveram alguma cousa de extraordinário e sublime em qualquer dos ramos da litteratura. Nada. São simples bachareis formados que se apoderaram de uma columna dos jornaes e legislam com naturalidade e desdem essas coisas superiores. Com certeza trabalham, num labor occulto e vigoroso, nalguma comedia hyperfina e nalgum drama superintenso. Tanto elles trabalham que a boa nova resurge outra vez. Foi numa representação em familia, no Lucinda, que m'a sopraram ao ouvido. O mesmo Dias Braga ensaia agora peças nacionaes. Os grandes homens estão a postos numa ancia febril de producção, os jornaes annunciam leituras e ensaios. E desde o *lever de ridcau* até á comedia de costumes, os entre-actos e os dramas, tudo está prompto, *made in Rio*, preparado para abysmar o indigena.

E no pateo do Lucinda, com o meu informante ao lado, eu me rejubilava. O homem era categorico:

— Desta vez vae mesmo. A regeneração do theatro está á porta.

Volvi para elle os meus olhos anciosos e sem certeza:

— Bemdicta nova!

— E' no Recreio, no Lucinda, em toda a parte. Os artistas não descançam; o ensaiador vigilante dá a ultima demão, os auctores vigiam.

— Bemdicta nova, meu amigo. Já não era sem tempo, olhe tudo isso.

E eu apontava-lhe a platéa vasia, a geral vasia, os camarotes vasiaos. E no *foyer*, com certeza, naquelle momento os jornalistas geniaes conversavam com as actrizes sobre regeneração, elevação, fortuna no theatro, ou falavam da vida alheia.

Gilberto de Moraes

JORNÁES E REVISTAS

A virtude de M. de Montyon.
Figaro, 23 de novembro de 1907.

A Academia Franceza, em certo dia do anno, distribue premios destinados a recompensar a virtude. Dá Jean Remi, num dos ultimos supplementos literarios do « Figaro », curiosas indicações sobre o fundador de tal premio, um tal *Antoine — Jean — Baptiste Robert Auget*, barão de MONTYON.

Renan, a proposito do premio que a Academia confere, de anno em anno, a criadas fieis e a pacatos escriptores, dizia: ha um dia no anno em que a virtude é recompensada. Não nos disse o maravilhoso estylista se tambem nesse dia o vicio era castigado, como nos dramalhões do seu tempo...

De tal fórma, estão ligados o philantropo e a virtude que nesse mesmo dia M. de Montyon é da actualidade.

Segundo diz Jean Remi, M. de Montym amou sobretudo na literatura o genero epistolar, escrevendo cartas sobre cartas a respeito das demandas innumeradas que manteve, das quaes, ao que parece, era um amator apaixonado e consumado.

Passou grande parte de sua vida a combinar processos, com um acerbo sentimento dos seus direitos e com tal encarniçamento que não seria bastante para designal-o logo como o philantropo que veiu a ser pelo correr das idades.

Um autor suiso, o Sr. Aloys de Molin, acaba de publicar um livro agradavel e documentado — *Les Procés de M. de Montyon dans le canton du Vaud*.

Por sua leitura, chega-se a saber que *Jean-Baptiste — Robert Auget de Montyon* tratou sempre de consolidar sua fortuna e arredondal-a conve-

nientemente antes de fazer um testamento opulento, generoso e por demais philosophico.

Nasceu em Paris, pelos fins do anno de 1733, e morreu em 1820.

Era originario de uma familia burgueza, recentemente enobrecida. Houve musicos nella e financeiros habéis que em bôa hora vieram corrigir a tara sentimental daquelles.

Perdendo seu pae em tenra idade, Roberto Auget de Montyon ficou possuidor de uma bella fortuna e não na empregou futilmente. Occupou cargos importantes. Aos vinte e dous annos, foi advogado do Rei; aos vinte e sete, fez parte do grande Conselho de censura literaria dirigido pelo famoso e dedicado M. de Malesherbes; aos trinta e tres, foi nomeado governador da Auavergne, etc., etc.

Obrigado pelas suas funcções a estar sempre fóra de suas terras de Monthyon, lá deixou um administrador, com quem sempre esteve em correspondencia perpetua e vigilante. Quando Fiacre Parin, o administrador, apieda-se pelos pobres que lhe moram nos dominios e tem descachidas sentimentaes, lá vem o philantropo para corrigil-o e pol-o no bom caminho. E' sempre duro e inflexivel.

Tendo o administrador intercedido por uma certa viuva que lhe devia uns alugueis atrasados e que já era perseguida por seu advogado, o immortal philantropo responde inexoravel: *rien à changer*. Entretanto, já fazia ás Academias doações importantes, com fitos caridosos...

Em 1788, o bom Fiacre ainda pedia a M. de Montyon que dêsse tempo ao seu devedor Jean Rousseau, com o que não tinha nada a perder. M. de Montyon ama o certo e não quer o duvidoso, por isso responde: se dentro de uma quinzena não puder pagar, submetta o caso a M. Dumont (seu

advogado), para executar o tal Rousseau e fazel-o citar.

E' de crer que, nos seus descendentes, a viuva e Jean Rousseau tenham recebido, pör intermedio da Academia Franceza, manifestações da philantropia de M. de Montyon.

Vindo a Revolução, emigrou para Suissa, muito secretamente, muito cautamente. Foi então que começaram os terriveis processos. Tendo empregado dinheiro em tudo no cantão de VAUD, quiz reembolsar-se delle para adquirir titulos inglezes então em baixa. Para isso, abusou dos amigos, fel-os trabalhar, escrevia-lhes cheio de rudeza e impertinencia, exigindo serviços e favores. Ganhou todas as demandas e morreu com milhões.

Observa o autor suisso que elle foi generoso em grosso e poupado no detalhe. Viveu cheio de cupidez, amontoou avaramente uma fortuna consideravel e resgatou-se com o seu famoso testamento.

Honra-lhe seja feita, pör ter permittido que os grandes poetas e escriptores de França façam, de anno em anno, um elogio refinado e solemne á virtude obscura e humilde que se resolve a apparecer!

*
* *

Le Siècle — Ficamos sabendo pelo numero de 20 de Novembro, lendo um delicioso artigo de A. Brette, que em França, ultimamente, a Igreja Catholica e Apostolica Romana, na falta de crusadas sangrentas com sarracenos trucidados, mulheres violadas e cidades roubadas; não havendo mais a Santissima instituição do Santo Officio com as suas ceremonias deslumbrantes de carbonisação e martyrisação de hereges; aborrecida da carencia de emoções da sua vida actual; atirou-se á cynegetica para distrahir-se um pouco do latim e

da missa. Não tendo mais as hostes de cavaleiros vestidos de ferro para lançar com uma benção destinada a ver se elles matavam mais soldados aos infieis do que os infieis a elles, n'uma caçada de gente, tendo-se tornado muito perigoso fazer previsões de victoria com canhões de todos os feitios quer de um lado quer de outro, a Igreja Catholica abençôa as matilhas que vão partir contra o veado ou contra o javali!!

Pobre Igreja Catholica Apostolica Romana! Quem te viu e quem te vê! Antigamente era o dominio irrecusado, o brilho das armas, a emoção das carnificinas e dos martyríos. Quantas espadas não foram desembainhadas em teu nome e pela tua ordem! Quantas! Ter-se-ia feito um Sól juntando o brilho de todas ellas! Quantos peitos foram varados, quanta vida e quanto sangue, por ti! Nunca nenhum deus pagão teve hecatombes iguaes!

E os autos de fé! A emoção aguda da tortura, que empallidecia a face do herege, que lhe partia os ossos, que lhe queimava as carnes, que lhe fazia saltarem os olhos das orbitas, que lhe contorcia os musculos!

E tudo isso passou. Foram-se os combates e foram-se as torturas. . As lanças que brilharam ao sól de Jerusalém e que beberam sangue de sarracenos, que partiram-se, em estilhaços, nos escudos ou traspassaram o inimigo, longe vão ellas. Lá ficaram para trás, na Historia e, depois dellas, tambem, a devoção do Santo Officio e as fogueiras da Inquisição

Pobre Igreja Catholica! Depois de todo esse passado de brilho, de vida fórte, de emoções agudas, para conseguir contribuir, pelo menos na intenção, para que um pouco de sangue se derrame, tu te vês obrigada a abençoar os cães que vão par-

tir na perseguição desenfreada do javalí ou do veado!!.

E naturalmente assim a caçada será mais feliz, os cães vão morder melhor e o javalí, acuado, vae-se sentir perturbado e indeciso e as presas formidaveis não o defenderão tão bem.

*
* *

NA ESTACADA — *Pamphleto Quinzenal* — *Lopes Trovão e Sylvio Romero.*

Em dias deste mez, veiu a publico um pequeno folheto, com a responsabilidade desses nomes ultra conhecidos. Como era de esperar, compramos e lemos.

Com a sua leitura, tivemos curiosas e inestimaveis informações sobre cada um dos aspectos da vida dos seus dous illustres autores. Soubemos que o dr. Sylvio Romero tem uma numerosa próle e o dr. Lopes Trovão é absolutamente esteril.

São duas informações a respeito da physiologia de cada um delles que talvez nos tragam muita luz sobre as respectivas psychologias. Lopes Trovão esteril, Sylvio Roméro fecundo.

Ambos tiveram assento no Congresso e ambos estão queixosos deste actual estado de coisas. Curioso é que nenhum dos dous, que tiveram em suas mãos fortes poderes, não nos dão contas do que fizeram para o estabelecimento de um regimen honesto.

O quadro que pintam da nossa sociedade é sombrio, mas não é novo, por ser de observação facil e cabivel em todos os tempos. Estou certo que na mocidade dos dous respeitaveis paladinos a cousa não era differente. Elles mesmos nos dão a entender isso quando nos contam a historia do «Reporter»

cezarianamente amortalhado nos diplomas de deputado e vereador dos seus dous proprietarios.

Contam-nos isso e depois, ao falar dos dias de hoje, asseveram, como se só a elles coubesse: *a palavra, quando escripta, se transmuta no turibulo que inceusa a quem a assoldada.*

Dizem ainda :

«*Virtus post nummus*—porque sem dinheiro... muito dinheiro superposto á virtude não se cevam o luxo e a vaidade, que, na hypergenese em que crescem, ameaçam invadir todo o nosso organismo social, matando-lhe a *Moral*, no que ella contem de mais sadio e o *Ideal*. no que elle possui de mais tonificante: as duas condições sem as quaes os povos não têm existencia real na Historia.»

Estou talvez de accordo, mas a *Moral* não é uma só e o *Ideal* muda de quando em quando.

Demais, não é um idéal *a preocupação assidua, tenebrante, absorvente de haver dinheiro, seja por que meio fôr ?*

Não é este o ideal americano, mais ou menos disfarçado na prosa pastosa de Th. Roosevelt? Será a moral de S. Luiz a mesma de Luiz XIV, será a moral dos tempos de Luiz XI a mesma do seculo XVIII? Sel-o-á talvez nas regras abstractas, mas nas manifestações concretas ha differenças que talvez façam duas e mais moraes, e por isso, pergunto, a França desapareceu da Historia?

O pamphleto está recheiado de latim e escripto numa maneira um tanto archeologico para os nossos vinte e tantos annos, tem dez paginas e vem mostrar aos Conselheiros que elles podem fazer cousa muito bonita, quando se põem no «Jornal do Commercio» ou na paleontologica «Cosmos», mas que quando se dispõem a fazer cousa sua, propria e sem mercancia, hão fazer *folhetinhos* como nós, Consola.

Juliano Barbosa:

Litteratura e arredores

GALDINO CUPIDO, contos. Magalhães Carneiro. *Livraria Brasileira. Aracajú, 1907.*

Dentre as sabichonas falsificações de origem allemã, a que menos estimo e prezo é a chamada psychologia dos povos. Não sei que serie de contradicções vergonhosas, que viciosas e absurdas conclusões, que falta de base estavel encontrei nas leituras, naturalmente apressadas, que fiz de alguns autores conspicuos dessa curiosa modalidade do saber moderno, que premeditei a respeito uma brochura clara e comprehensivel. Era meu plano expôr as notas que tomei, sem fazer intervir da minima fórma a minha argumentação; eu queria que a nihilidade dessa fantasiosa sciencia saisse do desmentido que este autor dá áquelle sobre o mesmo assumpto. Eu tinha até pratinhos bem bons: *apud os savantissimi doctores* da psychologia das collectividades, eu mostraria que a formula geral em que alguns querem fixar a feição de espirito de um negro do Dahomey, identifical-o-ia talvez com um inglez de Surrey ou outro qualquer condado.

Sem pertencer á raça daquelle perturbador André Maltére, de M. Barrés, que comprehendia para desorganizar, senti logo que taes sabichões, de industria e má fé, tinham esquecido a existencia puramente logica, abstracta, do que se chama povo, raça, etc. Tomaram essas cousas como entidades reaes, raciocinaram sobre ellas como se existissem de facto, como se fossem vidas individuaes, capazes de terem uma cabeça, capazes, portanto, de ter uma psychologia mais ou menos certa, determinando-lhes defeitos e qualidades, com auxilio de generalisações feitas sobre duvidosos documen-

tos, em que mais entravam os seus preconceitos nacionaes, regionaes até, do que um verdadeiro espirito scientifico. Curioso é que tal maneira de pensar faziam-nos cair naquella singular convicção das *Realistas* da Escolastica que acreditavam que os *universaes*, os *termos geraes*, eram o nome proprio de uma certa natureza subsistente por si mesma, distincta do espirito que as concebe, por isso, adiantava eu na tal brochura projectada, o nosso tempo talvez venha a ver repetir-se o famoso debate dos *Universaes*, entre neo-realistas e neo-nominalistas, até que um Abélard qualquer diga a um e a outro partido: *o entendimento, nos objectos que lhe estão ao alcance, considera analogias á parte das differenças, reúne-as e forma classes mais ou menos comprehensíveis para as necessidades do seu saber, de sua sciencia, e, fóra desta, ellas têm uma existencia precaria, ou não existem.*

Eu tinha chegado ahi pelos meus soffríveis estudos de geometria, lembrando sempre os typos geometricos, que qualquer estudante de meu tempo se envergonharia de acreditar na sua existencia de facto.

Porém, nestes ultimos tempos, veio-me ter ás mãos um Felix Alcan, de 7 ou 8 francos, que me dispensou de longas leituras, dando-me facilmente indicações de casos curiosos e engraçados, e com o qual pretendo em breve dar um combate decisivo á nossa diplomacia sabichona.

De tal fórma não andamos nós, os homens de hoje, com os nossos actos accordes com as nossas idéas, que eu, apezar da minha incredulidade tão longamente demonstrada nas paginas que passaram, recebendo o sympathico volume do Sr. Magalhães Carneiro, não me furtei ao desejo de examinar o espirito sergipano de uma maneira geral.

E' porque a leitura da sua primeira novella,

Galdino Cupido, fez-me condensar na idéa observações e notações de muitos a respeito desses singulares patricios do norte. Ha nelles uma antecipada e exagerada representação intima de si mesmos e de certas realidades grandiosas—de sua força, de sua intelligencia e saber, da gloria e da verdade ; e tocados por ella, agitam-se e movem-se para um grande alvo distante, resplandecente e offuscante. Se intelligentes e illustrados, são os grandes limites do pensamento para que tendem: as vastas syntheses e as reformas radicaes das maneiras de ver e de pensar. Comportam-se como se tivessem vindo ao mundo em missão, ungidos pela Divindade, para reformar, para concertar, para endireitar, e trazer a verdade e a felicidade ; são, como os russos, observou-me uma vez um amigo, uma gente messianica.

As intelligencias oriundas desse amavel pedaço da nossa terra, que tenho conhecido, sempre corroboraram em mim essas observações de outrem. Não sei em que para isso possam concorrer o clima, a situação geographica, a alimentação, as disposições hereditarias, como quer o impetuoso J. Pereira Barreto, e a imitação: porque, me parece, se a imagem de Napoleão perturba a alma russa, a grande figura, grande e original, de Tobias Barreto, paira fascinante sobre Sergipe inteiro. Elle foi durante toda a vida um apóstolo, um combatente, dando e offerecendo combates em qualquer terreno, ás idéas admittidas, emquanto lhe não chegava occasião de exprimir o grande e immenso ideal que parecia ter prestes a lhe sahir de dentro. Como as nossas crenças eram francezas, um reformador não podia falar em nome dellas; procurou allemães, os mais recentes, os mais novos em folha, e falou em nome delles contra a fé que elle queria derruir, e sobre as ruinas da qual iria erguer uma outra melhor, mais concorde com a verdade, só por elle vista. Len-

do-o, sente-se um tão forte accento sincero, um impeto tão violento, um tal ardor, que, ao virar a pagina, irreflectidamente, mas com certa logica obscura, procura-se a sua nova e original construcção. A minha ignorancia não póde ver na nossa intelligencia espectáculo maior, mais soberbo, que o desse immenso talento, a polemizar com todos os vultos de seu tempo, sobre todos os assumptos, quasi sempre victorioso, e inatingivel, como se por uma curiosa herança tivesse recebido no espirito a destreza dos cavalheiros de outros tempos.

Em geral, essa actividade interior de trazer novo, de reformar, de emendar erros, fica, pela fraqueza dos meios individuaes, reduzida a um desordenado tumultuar, por não poder alcançar o alvo visado os fracos poderes de realização de que dispõem os individuos.

Eu poderia applicar no estudo do Galdino Cupido, o aparelho de optica mental, o Bovarysimo, que seu autor, Jules de Gaultier, pôz em minha mão; reservo, porém, para mais tarde, uma exposição completa dessa especie de binoculo para o theatro da vida.

Tanto mais me parecia justa a applicação, que elle mesmo, Galdino, é o primeiro a nos confessar o mal de que soffre.

E' um sabio, tudo sabe; cura milagrosamente, explica no sertão a doutrina microbiana; tem vivido muito; e quando se abre é para dizer desalentadamente: *a intelligencia, senhor doutor, em certas pessoas, é como um monstro fabuloso que nada acceita, ou que tudo engole e não digere nada.*

Sahido de sua villa natal, tangido pela vontade de saber, tudo vê, tudo aprende, tudo ama; chrismado pela desgraça, que lhe arrebatou a familia e o invalida, volta transfigurado pela dôr, cheio de unccão, e vive cercado das Magdalenas

do sertão, que, segundo parece, existem numa proporção razoavel e util, como nos grandes centros tão malsinados. Cerca-se dellas, ouve-lhes os descantes, gaba-lhes as qualidades d'alma, faz arrepende algumas, pois que é ainda vivo o velho imperio dos apóstolos sobre as Magdalenas, como observou alguém.

E' quadro dos mais vivos do livro, quando a Leonidia entra com seus geitos masculinos, e, a convite de Galdino, canta langorosamente :

*A madrugada que passei chorando
Por teu desprezo, meu amor, foi longa.*

Nesse typo de professor do sertão, ha não sei que mistura de ancia de saber, de missão religiosa e de orgulho desmedido, que as considerações rebarbativas que fiz em começo talvez não tivessem vindo fóra de tempo. Mas, o que me provocou de facto fazel-as, foi o trecho em que nos conta o autor, que na feira, certa vez, Galdino se puzera a esbravejar: *povo infeliz ! abandonam o que tem de mais precioso ! Abyssinios ! apedrejam o sol, me deixam morrer á mingua !*

Quando se lê, na narração do Sr. M. C., o accento de paixão e verdade com que Galdino solta taes palavras e se considera que o Cupido nada fizera, quenada de importante tinha escripto, advinha-se que antecipada e grandiosa representação de si mesmo, de sua intelligencia e saber, elle tem na consciencia, e quão fracos são os seus recursos para manifestal-a.

Tem, ao alcance da mão, gregos, allemães e inglezes, esconde os diccionarios e as grammaticas, e quando revela o titulo e objecto de sua obra, sente-se perfeitamente quanto ha de fraco, de infantil, de primitivo ha na sua intelligencia. E' uma interpretação da Biblia, em que o paraiso symbolisa a vida

simples e natural, e a alma não recebe outra significação diferente da corrente, e só o corpo é associado elementarmente á noção moderna do ether.

O Sr. M. C. desenvolve o seu estudo com muita verdade, com muita côr local; e, com um exagerado amor á exactidão, faz os seus personagens falar no calão proprio.

Embora não desenhe os seus personagens de um só traço, dá os contornos com muito cuidado e carinho, trabalho e amor, de modo a fazel-os viver plenamente.

A narração, se em alguma cousa perde, é pela fidelidade por demais procurada. Adivinha-se que seu autor observou muito e não quiz tocar nas notas que trouxe. Pol-as na narração como as tomou no logar.

Agrada francamente, apesar disso, o seu modo de narrar, já pela simplicidade, já pelo desembaraço e naturalidade.

Os outros dous contos, embora menores, têm as mesmas qualidades, sem ter, entretanto, a importancia que, pelo assumpto e desenvolvimento, assume aos olhos do leitor o seu estudo de Galdino Cupido.

Lima Barreto.

*
* *

Barreto amigo.

Tu me permittes?

Li a critica, que fizeste do meu primeiro livro *O Cravo Vermelho*, com a attenção e o carinho que me merecem as coisas que produces.

Quero bem fazer a concordancia entre a tua manifestação e a minha acceitação, mas isso não é totalmente possivel, e eu vou dizer-te por que.

Falas tu nas minhas esperanças na Sciencia e na crença robusta que tenho de ser ella o caminho unico por onde iremos á conquista do velocino do bem.

Rhetoricá á parte, isso te digo e nisso creio.

Mas, Barreto, no meu romance, que é o *estudo de uma moral*, eu não cogitei absolutamente, não tive abso-

lutamente *parti-pris* de fazer-o scientifico, ou de inçar o caracter dos personagens de formulas de sciencia para levar-os ao desenlace classico do amor.

Quem lê a tua critica e vae ler o romance com a tua opinião, presuppõe e acaba acreditando que Leonel é um sabichão, Carolina medica parteira e que dos seus colloquios resulta sempre uma hypothese de gabinete ou uma experiencia de laboratorio.

Ora, tu sabes, eu sou ignorante, e só por pura intuição eu tenho sentimento e apreensão das coisas da Sciencia. Felizmente a tua critica, á força da evidencia, não esmerilhou no livro esse caracter academico de scientificismo como arte e como idéa.

Quando examinaste o enredo do *Cravo Vermelho*, houveste por bem fazer-o, como era natural, sem dizer que nas acções de cada personagem havia formulas, theoremas, leis ou principios que fossem a energia potencial dos mesmos.

Não; porque de facto não ha.

O que ha é o seguinte: Estudando uma moral, eu, que detesto a nossa moral, tive que traçar um paradigma novo, differente do que nos enquadra a actividade nervosa e social. Nesse modelo fiz agir os personagens, forjei-lhes o caracter, preparei-lhes as situações e encaminhei os resultados que, com grande alegria minha, vi serem de uma logica digna de Stuart Mill.

Tu sabes que eu detesto a religião, o Christo, deus e todas essas fabulas grotescas e insultuosas que nos atiram pela cara todos os canalhas que não têm outros recursos de espirito. Que fiz eu, então? Coherente com as minhas sinceras opiniões, tirei aos personagens relevantes todo e qualquer espirito, principio, antecedente ou relatividade com essa espantosa religião christã. Os meus heroes se comportam como criaturas que nunca ouviram falar nessas sandices todas; elles não têm nenhuma fé, porque a fé é uma formula elegante da covardia humana; elles não se apoiam no mysterio nem se soccorrem do milagre; comportam-se todos como se comportariam, os mouros de Granada ou os espartanos que vivessem no seculo actual em Paris, totalmente indifferentes á eloquencia imbecil do Conde de Mun e as marradas do Padre Dion.

Não sentiste isso no *Cravo Vermelho*? Apenas o notaste, Barreto; entretanto, eu fui tão rigorosamente caprichoso em trazer ao meu livro esse cunho de emancipação dos mythos, que nem uma só vez empreguei as palavras *alma, santo, divino, altar, anjo, igreja, communhão, bem-aventurança*, etc., etc., e suas derivadas, assim como excluí, expurguei inexoravelmente toda e qualquer comparação religiosa, toda e qualquer idéa de origem mythica ou mystica.

Oh! esses hediondos logares communs seriam a minha deshonra, Barreto, e tu não tolerarias ser amigo de um intellectual deshonrado pelas estupendas banalidades religiosas que hão sido o refugio das nossas mediocridades.

Isto fiz, e não precisava que me quizeses no seculo de Periclès para conhecer ou desconhecer certas conquistas não religiosas de que usei para a eloquencia dos meus personagens: bastava recuares-me á juventude, aos meus 20 annos, para me ouvires invocar as sandices de qualquer biblia como notas para a intellectualidade de um romance que nesse tempo eu fizesse. Minha expressão, (e algumas achaste-as banaes) seriam outras, comó outro eu era, um imbecil.. Ser-te-ia imperdoavel que eu fosse uma intelligencia bifronte: para mim mesmo um livre pensador, para o publico christão, como litterato, um Coelho Netto (triste exemplo!) um Elysio de Carvalho, rabiscando com a arte *smart* de Julia Lopes a vulgaridade absoluta e insustentavel do Graça Aranha!

Oh! eu seria imperdoavel! Eu quiz ser coerente (é uma tolice? seja!) e foi-me impossivel fazer um romance onde não vazasse com serenidade e coragem todas as minhas conquistas intellectuaes e moraes. Tel-o-ia conseguido? Vamos, Barreto, fala.

E outro por que: Tu achaste que eu não fui bastante poeta... Oh! Barreto! eu não sou um poeta? não, o fui bastante? que desgraça haveres lido o Alencar antes do *Cravo Vermelho*! O Alencar tornou impossivel o romance no Brasil.

Todo teu — Domingos Ribeiro Filho.



PEQUENO ALMANAQUE DE CELEBRIDADES

Sine ira et studio.

- Alcindo Guanabara.** — Jornalista de carreira; asceta e mystico social; socialista, militarista e proteccionista. No quarto de dormir, junto á sua cama luxuosa, tem uma velha esteira em frangalhos e algumas botas acalcanhadas e desirmanadas; nogueira, entre vinte e tantos ternos de todos os feitios e preços, uma velha calça de trabalhador de estiva; no toucador, um pedaço de sabão ordinario; quando janta, depois de bellas iguarias e vinhos generosos, rói um pedaço de pão durissimo — tudo isso elle tem e faz, para não se esquecer dos que soffrem fome e frio e vivem semi-nús pela superficie da terra dolorosa.
- Afranio Peixoto.** — Medico alienista e autor da «Rosa Mystica». Obra preciosa impressa em Leipzig.
- Araujo Vianna.** — Mestre de obras e cantor dos tempos coloniaes. Conta-se que, quando lhe faltava o massete, batia o escopro com a propria cabeça.
- Carmen Dolores.** — Chronista. Escriptora aristocratica; discipula do V de Taunay. Está traduzindo ou compondo um drama em francez: *La chercheuse d'amour*.
- Curvello de Mendonça.** — Romancista celebre que se dedicou entre nós á regeneração da cultura da canna de assucar.
- Pinheiro Machado.** — Senador e chefe do Bloco. Um dos muitos brasileiros que aprenderam portuguez pelo methodo «Berlitz».
- Salvador Santos.** — Jornalista de nome; penna de ouro. Caso phenomenal, pois é alumno da 3ª Escola Primaria do sexo masculino, estando no 2º livro de leitura!

O CORSO

O dia de Natal caiu em quarta-feira, portanto em dia de «Corso», o pessoal que não tem figurinos elucidativos e revistas de elegancias deu na telha de lá ir.

Como os Srs. sabem, o Figueiredo do *Binoculo* não faltou. Sem a presença do maestro da nossa orchestra de elegancias, não ha *corso* que preste. Dessa feita, como das outras, lá foi, acompanhado de Mr. Toché e mulher, de auto-movel, num auto-movel de aluguel que chocalhava desesperadamente.

Ao chegar na praia, dando com aquellas estravagantes, carruagens tiradas a quatro muares, cheias de gordas senhoras e avinhados perfis de homens, o F. Pimentel deu o desespero.

Mas é a festa da Penha ! disse.

A sua voz não se presta muito ás grandes explosões de colera, por isso absteve-se de gritar; mas foi ao posto da rua de S. Clemente e pediu providencias á policia. O inspector era um homem criterioso, respeitador da nossa legislação liberal; assim, não deu passo algum, não mandou prender ninguem nem expulsou qualquer carruagem da praia.

Figueiredo voltou á praia e a cada carruagem exotica que passava, apertava convulsamente os punhos e murmurava: que vergonha ! que vergonha ! que irão dizer de nós, lá no estrangeiro ?

Mr. Toché e mulher pareciam contentes. Apreciavam aquellas cousas pitorescas e ineditas; elegancias *comme il faut* estão fartos de ver em Paris, nas praias e nas estações de aguas; mas Figueiredo..

Num dado momento, a seu lado, passa uma velha caleça, dessas sem revestimento, com a maderia apparecendo, em que se costuma ir á Penha, levando um casal (vejam a caricatura).

A senhora, no fito de vêr melhor, tinha se sentado na beira da carruagem, Figueiredo não pôde se conter. Man-

dou tocar o automovel até alcançal-a e pedio com delicadeza, com a delicadeza de um guarda civil ou dos professores de Mr. Jourdain:

— Sente-se no banco, minha senhora; não é elegante essa posição. . . Os estrangeiros. .



O mundo todo tem conhecido e conhece milhares SUPERSTIÇÕES e a nossa terra deve ter entrado ahí com uma grande quota. Não tive a felicidade de ler o Sr. Paulo Barreto, do I. Historico, como tambem não tive a de entabolar commercio com os chronistas do tempo do descobrimento; se tivesse, talvez aqui pudesse enumerar muitas. Uma, porém, conheço de primeira mão: a da imprensa.

Não cabe nas proporções de um «ECHO» o estudo della, nem fôra meu proposito fazel-o ao encetar estas linhas.

Nesta nossa cidade cheia de leis, cheia de justiça, cheia de posturas sobre a venda de qualquer artigo, um ramo de comércio, em virtude da tal superstição em que falei, escapa completamente ás injunções legaes.

As calçadas das praças, das ruas principaes, são occupadas com grandes depositos de revistas e jornaes, e ai da autoridade que pretenda impedir tal abuso!

A autoridade que o faz, vê-se logõ retaliada nas columnas dos grandes jornaes diarios, debicada nas revistas humoristicas respeitadas, etc.

Isso não serve directamente aos jornaes, nem ao vendedor, mas ao distribuidor que, em geral, é nesta terra de liberdade e democracia, o tyranno mais feroz e a pessoa mais digna de consideração—, excepto o Labanca, bem entendido!

Demais, aos pequenos jornaes e ás pequenas revistas tambem em nada serve. A razão é simples, sendo obrigado a occupar pequeno espaço na via publica, o vendedor

faz o seguinte: põe á vista os quotodianos sagrados e as revistas respeitavelmente paleontologicas e debaixo delles as pequeninas publicações. de modo que se um qualquer der de olhos sobre a mercancia não as poderá comprar seja por *sympathia*, seja por curiosidade, seja por que fôr.

O nosso caso é eloquente. Cada um de nós passa junto de um vendedor e não vê a «Floreal»; quando se recolhe a edição, venderam-se trinta e oito exemplares.

Que se ha de fazer ? . . .

Houve no Brazil muitas superstições, ha ainda muitas, haverá ainda outras, mas a maior de todas, a mais tola é da Imprensa.

Os aztecas de Montezuma tambem pensavam que os hespanhóes eram immortaes; um dia, porém.. Oh ! E' quasi prehistoria. . .

*
* *

«No salão vasto conversava-se. A *leading*, Botafogo de 1^a, atrahia todos os olhares, com o seu vestido sumptuoso e audaz. Já se tinha falado sobre o diavolo e o seu particular encanto. Condemnara-se o *limerich* difficuloso. Mesmo o *cabotin* Rocca enchera minutos de palestra difficil. Mas quando se commentava o arrojo do capitão Luz, o seu balão, a idolatria das multidões pelo merito visivel e palpavel, um dos meus amigos, inglez viajado, chamou a attenção para a aerostação feminina. Em Pariz, em Londres, disse elle, os grandes globos pardacentos e os esguios chautos entraram definitivamente em moda. E' *up to date* fazer uma ascenção. Mesmo as grandes damas da margem do Sena e do Tamisa já contam viagens perigosas. E é um agradavel prazer contornar a Eiffel ou a S. Paulo. No Rio, a terra da maxima elegancia feminina, poderíamos introduzir este sport. Como seria agradavel aerostatizar com as formosas cariocas. A voz do *lachez tout*, ver a multidão ir diminuindo, o echo das exclamações se amortecer. Ah ! o *flirt* aereo ! Como seria perturbador este sport

com uma carioca perturbadora e bella! Como seria perturbador!»

Do V da «Imprensa».

O Dr. Alfredo Pinto leu certamente essa terrível novidade. Naturalmente, sabiamente, S. Ex. prohibirá a introdução do balão. Pois que todo mundo sabe que os arrojados senhores do espaço costumam atirar com o nome de lastro, desde a areia até viveres, sapatos, calças, e cadeiras. E a cabeça respitavel do Dr. Affonso Penna póde por um acaso ser attingida. S. Ex. prohibirá o balão.

*
* *

Na rua do Ouvidor, canto da Avenida (lugar sagrado), nosso amigo, o poeta Luiz Edmundo, disse-nos ha mais de vinte dias que tinha vendido do seu ultimo livro cerca de 9.000 exemplares, havendo de fóra, dos estados e até de Buenos Ayres, Bogotá, Guayaquil e Caracas, innumerous pedidos insatisfeitos, razão pela qual ia tirar uma 2 edição.

Exultamos com a noticia, não só como autores latentes e amigos do poeta, como tambem pelo facto de desejarmos sinceramente a prosperidade da literatura nacional.

Nas nossas letras, parece que está destinado ao Luiz e ao Paulo Barreto, o *distiucto jornalista* do Instituto Historico, o papel de Destoiewsky e Tolstoi na Russia. Como toda a gente sabe, estes autores e alguns outros do seu tempo, fizeram uma revolução na tiragem das obras literarias moscovitas.

O admiravel Luiz attribue tudò, e o faz cheio de uma candida modestia, ao gabinete de leitura da «Garnier»

A sala, é elle quem informa, fica nos fundos e é presidida pelo Nestor Victor. Ninguem mais proprio. O Sr. Victor é um enigma, e um autor nunca poderá saber se elle approva ou desapprova o seu trabalho. Do *comité* (tal qual como na Comedia), fazem parte alguns professores do Gymnasio, gente sabia em virtude de uma portaria do M. do Interior.

Está ahí como se explica a presença delles na famosa livraria — acontecimento que muito intrigava a tanta gente. E' o velho saber da «Provincia», é a tradição dos Soteros, Franças e Aristarchos, que se offerece officiosamente para policiar os trabalhos dos nossos literatos, sem lenço de alcobaça, voz fanhosa e pregões retumbantes.

O Marió de Alencar concerta os versos, é orthopedista; e o meu camarada P. Couto corrige os erros de botânica, enquanto o joven João Ribeiro fiscaliza a parte mathematica. Oh! O violino de Ingres...

Da secção mais trabalhosa, a d'agricultura e zootecnia, está encarregado o Sr. Curvello de Mendonça, pois S. S. fala de cadeira sobre o capim jaraguá, febre aphtosa, mormo, plantas forrageiras e os succedaneos da alfafa. Nisso, tambem os professores do Gymnasio mettem o bedelho..

Este Luiz...

*
* *

O discurso do Sr. Alcino, que tem tido uma publicidade desusada, não demonstra que o voluntariado não chega para as nossas necessidades militares.

Era indispensavel que o fizesse, já que tomou uns ares de porrete logico, pois assim, EM FALTA DO VOLUNTARIADO, como estatue taxativamente a Constituição, é que o sorteio é legal e constitucional. Aliás, o Sr. Alcino não precisava escamotear essa difficuldade; a cousa passava mesmo, para que então esse recurso de fraco dialectico?

*
* *

O sr. Arthur Azevedo precisava duma casa. Um leitor amigo e anonymo, com benevolencia e solicitude, indicou uma no campo de S. Christovão. Numa das suas carinhosas palestras de *merito transcendente*, como disse o senador Pinheiro Machado na elegia de outro senador, a Incarnação Viva do Theatro Brasileiro contou-nos a sua odyssea de inquilino. O senhorio pretextando um outro

candidato anterior fel-o ir ás 4 da tarde. Pontual e ancioso, o illustre academico appareceu no longiquo escriptorio ; mas ahi o desconfiado proprietario dilatou o prazo para o dia seguinte. Queria, disse Arthur na «Palestra», procurar informações. Soube que o candidato era litterato e funcionario, e feroz e seguro quando, no dia seguinte, o gordo homem de letras appareceu, negou-lhe a casa. E o comediographo eminente numa longa jeremiada abriu-se com o publico. Elle que nada deve passando por caloteiro. Ah ! as letras patrias e os officios indigenas ! Que tristes carreiras !

Um pequeno commentario : hoje o sr. Arthur Azevedo está morando no Campo. Como é isto ? O proprietario nega a casa e depois o candidato apparece morando nella.

C'est épatant. Faz desconfiar falta de assumpto. Quem sabe se no banquete a Bilac o convite foi dirigido e pela mesma causa surgiu depois aquella longa lamentação na «Palestra».



Perolas e Diamantes.

Theophilo Braga acaba de enriquecer a Litteratura Nacional com mais um volume precioso — *Camões* (epoca e vida).

(*Imprensa*, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1907.)

*
* *

Uma tremenda crista submarina, que acompanha a linha de costas do Brazil norte.....

..... ..imponente e curiosa fôrma dessa róca plutónica...

(Arthur Dias, *Brazil Actual*, pag. 203.)

Servido por tão apreciados combatentes, o pamphleto *Na Estacada*, moldado pel' *As Farpas*, vae de certo obter igual successo ao que obteve, além-mar, o seu synomimo.

(*Noticia*, de 12 de dezembro de 1907).

Aquelle *segunda* faz crer que Fonseca tivera outra outra officina ;

Arthur Azevedo, «Palestra», *Paiz* de 19 de Dezembro de 1907).

* * *

.. dois capangas lhe vibraram na cabeça duas formidaveis cacetadas que lhe abriram logo innumeras brechas...

Noticia de 17 de Dezembro.



